

quanto mais a revolução parece utópica
mais temos de lutar por ela

DEMOCRACIA SIM !

FALOCRACIA NÃO !

À memória das mulheres assassinadas
À memória das mulheres guerrilheiras

Recordando a manifestação
do Movimento de Libertação das Mulheres
de 13 de Janeiro de 1975

por

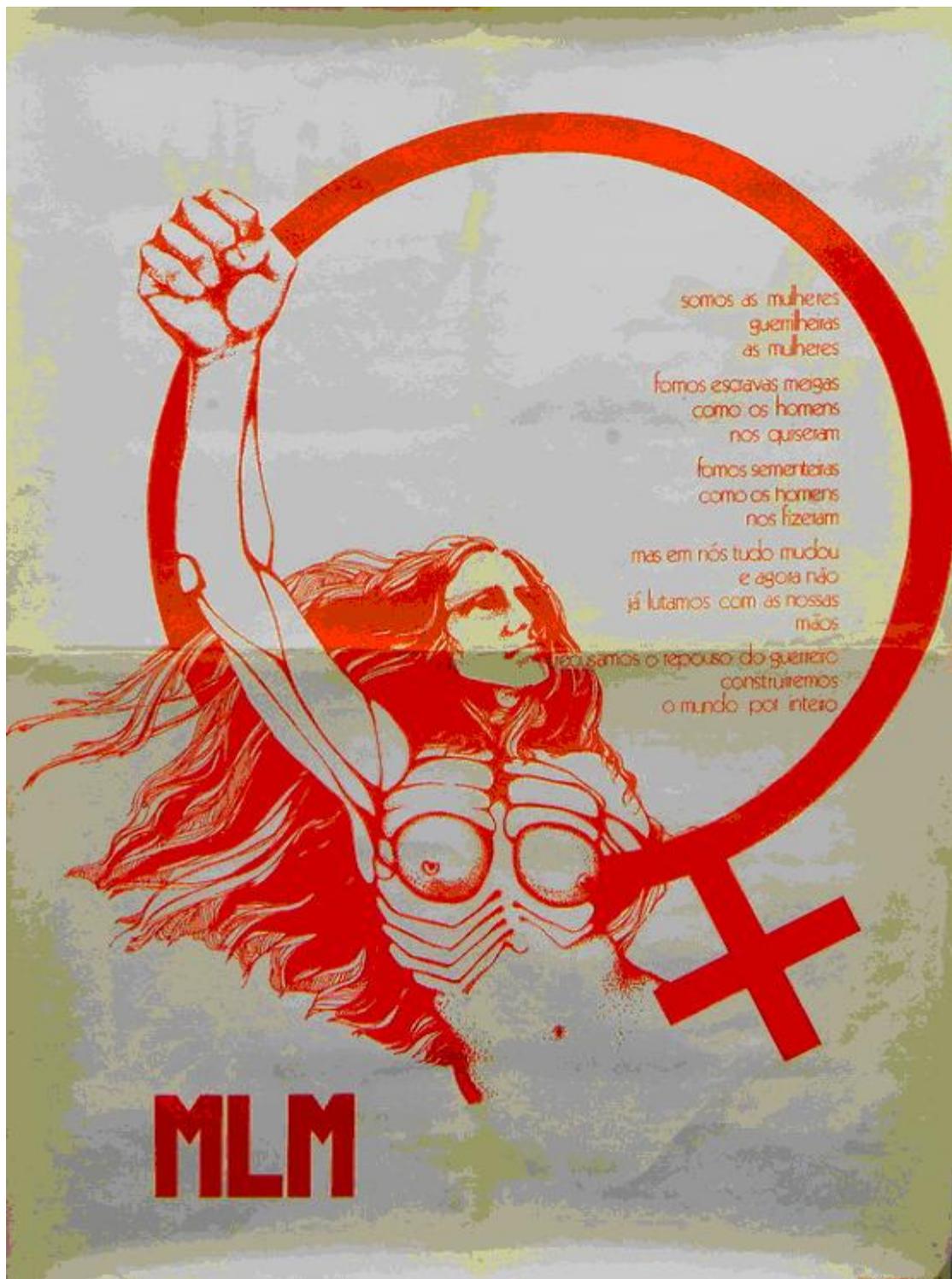
Ângelo Santana Barreto

com

Helena Leonor Martinho dos Santos

Edições Rocio 2019

<https://sites.google.com/view/edicoesrocio/home>



**somos as mulheres guerrilheiras as mulheres
fomos escravas meigas como os homens nos quiseram
fomos sementeiras como os homens nos fizeram
mas em nós tudo mudou e agora não
já lutamos com as nossas mãos**

**recusamos o repouso do guerreiro
construiremos o mundo por inteiro**

Acabo de ler no Jornal Mapa a resenha feita sobre o livro de Phil Mailer «Portugal: A Revolução Impossível?»

<http://www.jornalmapa.pt/2019/03/08/portugal-a-revolucao-impossivel/>

É sem dúvida mais uma importante ferramenta para todos os que continuam a considerar fundamental o balanço do período revolucionário de 74-75 em Portugal. Apreciei sobretudo as referências às actuações e ilusões das auto-proclamadas vanguardas revolucionárias, pois andei nelas de 1966 a 1980, com especial participação em 74-76 nas movimentações dos operários, dos camponeses e dos soldados.

Chamou-me em particular a atenção a seguinte passagem:

Phil também não esqueceu o ataque de que foram vítimas as mulheres do MLM (Movimento de Libertação das Mulheres) durante um comício que promoveram no início de 1975, «desencadeando uma das contra-manifestações mais reaccionárias jamais vistas». O PCP, através do MDM (Movimento Democrático de Mulheres), que controlava, «denunciou violentamente a manifestação». As mulheres, uma dezena, foram alvo de troça, insultadas e por pouco não foram agredidas. O MLM queria «queimar objectos que sejam exemplos da opressão a que estamos sujeitas: o código civil, o código penal, a legislação do trabalho em vigor, por neles ser bem evidente a opressão feminina; revistas pornográficas», todos os objectos «que simbolizam a mulher escrava do lar». Era demasiado radical, mesmo para a esquerda que estava mais

vocacionada em «defender a família do que em discutir problemas mais básicos das mulheres».

Trata-se de uma referência importante, mas tenho de fazer uma observação crítica: a frase «por pouco não foram agredidas» é, no mínimo, infeliz... Como se pode ver pelos materiais que abaixo reproduzo, a frase correcta seria:

**Foram alvo de troça, insultadas,
agredidas, ofendidas e humilhadas,
e por pouco não foram
espancadas e violadas.**

Aproveito o ensejo para homenagear aqui esse movimento eternamente esquecido e marginalizado pelos falsos revolucionários que é

O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DAS MULHERES

Normalmente tolerado / relegado para um cantinho, é porreiro, é interessante, dá jeito, mas claro são umas folclóricas que não percebem que a sua luta é uma luta de segunda linha... para depois da revolução ter triunfado...

Lógicamente, se a revolução não triunfa e é impossível, as mulheres que se...

Apresento a seguir algum material que tenho vindo a coligir sobre a manifestação do MLM de 13 de Janeiro de 1975 e sobre esse movimento feminista pioneiro.

Ericeira, 25 de Março de 2019

Ângelo Santana Barreto

1. OS ACONTECIMENTOS DEGRADANTES
 2. OS AMIGOS, OS INIMIGOS E OS ASSIM-ASSIM
 3. VÁRIAS COMEMORAÇÕES DO 13 DE JANEIRO
 4. O MACHISMO MATA TODOS OS DIAS
 5. NA ESTEIRA DE MAIO DE 68, O MLF E O MLAC
 6. HOMENAGEM A TERESA PAULA BRITO
 7. RECORDANDO UMA COMPANHEIRA
-

1

OS ACONTECIMENTOS DEGRADANTES

Dois vídeos:

Manifestação MLM Movimento de Libertação das Mulheres
1975, Lisboa

https://www.youtube.com/watch?v=HZgaDPI_2NY

Lisboa, manifestação organizada pelo Movimento de Libertação das Mulheres é interrompida e boicotada por grupos de homens no Parque Eduardo VII:

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/manifestacao-do-movimento-de-libertacao-das-mulheres/>

Duas fotografias:



Alguns artigos:

Infelizmente não consegui localizar o «triste» (para não lhe chamar outra coisa) artigo do *Expresso* de 11/1/1975 que titulou “*Strip-tease de contestação do MLM organizado no Parque Eduardo*”

VII” e que foi o grande responsável pelo que aconteceu. Que eu saiba nunca houve qualquer pedido de desculpas do “prestimoso” semanário nem ao MLM nem às mulheres de Portugal, mas estou convencido que nem um nem outras o desejariam.

Reproduzo a seguir dois artigos do *Diário de Lisboa*: o primeiro, publicado no próprio dia 13, é a notícia anunciando a manifestação e chamando-lhe «auto-de-fé feminista»; o segundo, publicado no dia seguinte, é um comentário condenatório dos acontecimentos escrito pela minha amiga Lourdes Féria, redactora desse jornal.

Os três documentos seguintes são uma carta do MLM publicada no jornal parisiense *Libération* de 4 de Fevereiro contando os acontecimentos degradantes, um comunicado do MLM publicado na *Capital* de 3 de Fevereiro sobre a posição do PCP e um comunicado de várias organizações feministas repudiando os acontecimentos publicado pelo *Expresso* de 15 de Fevereiro.

Esta tarde

“Auto-de-fé” feminista

Mulher oprimida: não esperes mais um dia para destruíres os instrumentos da tua opressão.

É o Movimento de Libertação das Mulheres quem manda este recado a todas as mulheres portuguesas. São as suas militantes quem, esta tarde, às 18 horas, no topo do Parque Eduardo VII, acende a fogueira onde cada mulher poderá queimar o símbolo daquilo que mais oprime enquanto mulher.

Diz o M.L.M.: «Preparamo-nos para queimar todos os símbolos da opressão da mulher, nos múltiplos aspectos em que tem sido desde sempre mistificada: a mulher-objecto sexual, a mulher produto de consumo, a mulher mártir, a mulher escrava do lar, a mulher repouso

do guerreiro, entre muitos outros».

Panos do pó, vassouras, esfregões, fraldas, bonequinhas para meninas e pistolas para meninos, revistas pornográficas, livros marialvas, «posters», cabeleiras postíças alguns dos objectos que esta tarde vão certamente arder no Parque Eduardo VII, às mãos de mulheres decididas. Ajudarão a atear a fogueira uma mulher vestida de escrava, outra de noiva, uma grávida e uma «vamp»: quatro aspectos da opressão das mulheres.

Com o «auto de fé» desta tarde inaugura o Movimento de Libertação da Mulher o Ano Internacional das Mulheres: «não com festejos, porque a situação da mulher não justifica alegria, mas com um acto de denuncia».

Esta tarde: “Auto-de-fé” feminista

Mulher oprimida: não esperes mais um dia para destruíres os instrumentos da tua opressão.

É o Movimento de Libertação das Mulheres quem manda este recado a todas as mulheres portuguesas. São as suas militantes quem, esta tarde, às 18 horas, no topo do Parque Eduardo VII, acende a fogueira onde cada mulher poderá queimar o símbolo daquilo que mais a oprime enquanto mulher.

Diz o M.L.M.: «Propomo-nos queimar todos os símbolos da opressão da mulher, nos múltiplos aspectos em que tem sido desde sempre mistificada: a mulher-objecto sexual, a mulher produto de consumo, a mulher mártir, a mulher escrava do lar, a mulher repouso do guerreiro, entre muitos outros».

Panos do pó, vassouras, esfregões, fraldas, bonequinhas para meninas e pistolas para meninos, revistas pornográficas, livros marialvas, «posters», cabeleiras postiças — alguns dos objectos que esta tarde vão certamente arder no Parque Eduardo VII, às mãos de mulheres decididas. Ajudarão a atear a fogueira uma mulher vestida de escrava, outra de noiva, uma grávida e uma «vamp», quatro aspectos da opressão das mulheres.

Com o «auto de fé», desta tarde inaugura o Movimento de Libertação da Mulher o Ano Internacional das Mulheres: «não com festejos, porque a situação da mulher não justifica alegria, mas com um acto de denúncia».

Diário de Lisboa, 13 de Janeiro de 1975

HISTERISMO MACHISTA NO PARQUE EDUARDO VII

O espectáculo que os homens deste País sem discriminação de cultura, classe ou ideologia, deram ontem à tarde no Parque Eduardo VII, veio mais uma vez confirmar que os movimentos feministas têm razão de existência. O chauvinismo machista revelou-se ali de uma maneira brutal e descontrolada. Históricos e ofendidos, porque se sentiam visados, os homens que compareceram num auto de fé, convocado pelo M. L. M., comportaram-se como os antigos Jotas-Pés (Jovem Portugal, grupo para-nazi nas manifestações dos estudantes progressistas).

O poder falocrático não tolera dissimulações. Senhores absolutos do mundo, levando com eles a reboque algumas oprimidas inconscientes, fizeram todos os esforços por botar um acto simbólico que se exprimia por dois os três cantazes de denúncia, e na atitude que não passou de intenção, de se queimar toda uma literatura objecta onde a mulher é humilhada e coisificada. Acabou por não acontecer aquilo que estava previsto. Porque o histerismo machista criou um clima de ódio, de violência e de puro racismo. As mulheres que tentaram arrastar foram assaltadas empurradas, apalpatadas. Ouviam-se comentários como estes: «vão vocês estão bem» e «afinal não há sexo...» Alguns fotógrafos dos jornais corriam de um lado para o outro, quase a babarem-se de volúpia gritando «onde estão elas! Já se despiam?».

Os caratazes que as mulheres do M. L. M. traziam foram-lhes brutalmente arranca-

dos. E não contentes com a feição, os homens rasgavam, e espalhavam os bocados de papel onde as relvásticas «Democracia sim, falocracia não». Verificou-se naquela triste espectáculo dos homens um «complot» muito evidente. Os que não agiam, consentiam. Esperavam assistir a uma sessão de «strip-tease» (e de barba), aliás uma ideia espalhada pelo semanário «Expressão», não sei com que intuito, e ficaram possessoos de ira quando se aperceberam que não tinham oportunidade de extravasar as suas instâncias sexuais.

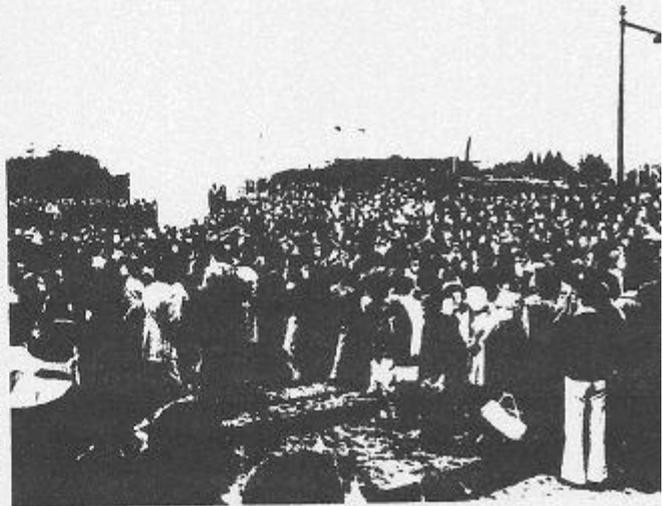
Segundo o conceito geral masculino, o lugar da mulher é a passividade. Estar em casa. Cumprir o papel de esposa e mãe o melhor possível. Contribuir no processo de produção — um direito que eles generosamente lho concederam. De fornecer mão-de-obra barata. Satisfazer os apetites sexuais sempre que os seus dancos lho exigem. Vender-se no prostíbulo e no casamento. Isso tudo. Desde que se reduza à sua insignificância. De mero apêndice do «Ser-todo-poderoso-e-Perfeito». Assim está todo bem. É a ordem (natural) mais do que nunca mantida.

Um rapaz, simpatizante de um movimento político que se afirma o mais revolucionário (e infalível) de todos dizia, com um ar de cátedra condimentado com umas pitadaczinhas de moralismo: «isto é ridículo, vocês não conseguem nada; a vossa luta deve estar enquadrada na luta geral da vanguarda do proletariado contra os capitalistas». Esses políticos sexistas que não sabem muito do tom dos outros que por lá andavam, esqueceram-se que a operária antes de ser explorada pelo patrão capitalista é a

mulher do operário. Uma pessoa duplamente oprimida.

Em certa altura surge uma contra-manifestação desencanaçada por quatro ou cinco mulheres (e bastantes homens) que também exibiam cartazes em que se destacavam disticos «Foram com elas», «Não se luta assim pela libertação da mulher». Grande maioria dos homens deram-lhe a sua benção. Aplaudiram-nas. Essas vítimas estavam dentro do seu jogo. E debaixo das suas patas.

LOURDES FÉRIA



HISTERISMO MACHISTA NO PARQUE EDUARDO VII

O espectáculo que os homens deste País sem discriminação de cultura, classe ou ideologia, deram ontem à tarde no Parque Eduardo VII, veio mais uma vez confirmar que os movimentos feministas têm razão de existência. O chauvinismo machista revelou-se ali de uma maneira brutal e descontrolada. Históricos e ofendidos, porque se sentiam visados, os homens que compareceram num auto de fé, convocado pelo M.L.M., comportaram-se como os antigos Jotas-Pés (Jovem Portugal, grupo para-nazi nas manifestações dos estudantes progressistas).

O poder falocrático não tolera desmistificações. Senhores absolutos do mundo, levando com eles a reboque algumas oprimidas inconscientes, fizeram todos os esforços por boicotar um acto simbólico que se exprimia por dois os três cartazes de denúncia, e na atitude que não passou de intenção, de se queimar toda uma literatura abjecta onde a mulher é humilhada e coisificada. Acabou por não acontecer aquilo que estava previsto. Porque o histerismo machista criou um clima de ódio, de violência e de puro racismo. As mulheres que tentaram arrancar com a pequena manifestação foram assaltadas, empurradas, apalpadas. Ouviam-se comentários como estes: «vão para o Monumental, aí é que vocês estão bem» e «afinal não há sexo...» Alguns fotógrafos dos jornais corriam de um lado para o outro, quase a babarem-se de volúpia gritando: «Onde estão elas! Já se despiram?».

Os cartazes que as mulheres do M.L.M. traziam foram-lhes brutalmente arrancados. E, não contentes com a façanha, os homens rasgavam e espezinhavam os bocados de papel onde se reivindicava «Democracia sim, falocracia não». Verificou-se naquele triste espectáculo dos homens um «complot» muito evidente. Os que não agiam, consentiam. Esperavam assistir a uma sessão de «strip-tease» (e de borla), aliás uma ideia espalhada pelo semanário «Expresso», não sei com que intuito, e ficaram possessos de ira quando se aperceberam que não tinham oportunidade de extravasar as suas frustrações sexuais.

Segundo o concenso geral masculino, o lugar da mulher é a passividade. Estar em casa. Cumprir o papel de esposa e mãe o melhor possível. Contribuir no processo de produção — um direito que eles generosamente lhe concederam. De fornecer mão-de-obra barata. Satisfazer os apetites sexuais sempre que os seus donos lho exigem. Vender-se no prostíbulo e no casamento. Isso tudo. Desde que se reduza à sua insignificância. De mero apêndice do Ser-todo-poderoso-e-Perfeito. Assim está tudo bem. E a ordem (natural} mais do que nunca mantida.

Um rapaz, simpatizante de um movimento político que se afirma o mais revolucionário (e infalível) de todos, dizia, com um ar de cátedra condimentado com umas pitadazinhas de moralismo:

«Isto é ridículo, vocês não conseguem nada; a vossa luta deve estar enquadrada na luta geral da vanguarda do proletariado contra os capitalistas». Esses políticos sexistas, que não saíam muito do tom dos outros que por lá andavam, esquecem-se que a operária, antes de ser explorada pelo patrão capitalista, é a mulher do operário. Uma pessoa duplamente oprimida.

Em certa altura surge uma contra-manifestação desencadeada por quatro ou cinco mulheres (e bastantes homens) que também exibiam cartazes em que se destacavam dísticos: «Fora com elas», «Não se luta assim pela libertação da mulher». Grande maioria dos homens deram-lhe a sua benção. Aplaudiram-nas. Essas vítimas estavam dentro do seu jogo. E debaixo das suas patas.

LOURDES FÉRIA

Diário de Lisboa, 14 de Janeiro de 1975

Lettre du M-L-M

Sibauhen 4/2/1975

Des événements dégradants...

Le Mouvement de libération des femmes portugaises a décidé d'inaugurer l'Année Internationale de la femme, déclarée par les Nations-Unies, en brûlant les symboles de l'oppression féminine, tels que le Code civil et pénal, des exemplaires pornographiques utilisant le corps de la femme comme objet, des torchons et des balais, etc., toute sorte de littérature « machiste », des couches (symbolisant le mythe de la maternité — la loi ne donnant qu'au père tous les droits sur l'enfant...).

Les enfants de quelques féministes avaient volontairement décidé de participer à la manifestation, en brûlant des jouets qui déterminent, depuis l'enfance, le rôle que va jouer chaque sexe dans la société : mitraillettes, voitures pour les garçons, poupées pour les filles.

Six heures du soir : quinze féministes arrivent au parc Edouardo VII, habillées en « vamp », en robes de mariée, déguisées en femmes enceintes, femmes ménagères, etc. La presse a annoncé quelques jours auparavant cette manifestation comme un « strip-tease ». A leur grande surprise, des milliers de gens (deux mille à cinq mille personnes) — surtout des hommes — les attendent. Pendant trois minutes, il ne se passe rien. Un cercle s'ouvre pour les laisser passer. Au moment où elles allument un feu, le cercle se referme sur elles, et la pagaille commence : il devient impossible de brûler quoi que ce soit. Des dizaines d'insultes fusent : « Chevauchons-les », « Les femmes ne sont bonnes que pour le lit », « Les femmes au foyer », etc. (plus toutes sortes d'insultes intraduisibles) accompagnées de gestes obscènes : « Balayons-les. Les nègres sont les meilleurs au lit ». Un petit groupe de femmes qui portent une banderole avec ces mots : « Ça c'est ridicule », et qui, au début, criaient : « C'est elles qui devraient être brûlées », changent vite d'avis en voyant la brutalité dont les féministes sont l'objet et commencent à crier : « C'est vous, les hommes, qui êtes ridicules ». Un groupe d'hommes portant les drapeaux et des insignes du PCP (Parti communiste portugais) chantent l'hymne du Parti. Les enfants présents manquent de suffoquer. Les féministes essaient de les mettre à l'abri en reculant vers une voiture stationnée non loin de là, qui appartenait à l'une d'entre elles. Mais les hommes les poursuivent, essayant de renverser la voiture.

C'est alors qu'une des filles se met à hurler : « Voulez-vous nous tuer avec nos enfants ? » Et ils s'arrêtent alors court. Nous ffilasone par nous réfugier dans un immeuble, à une centaine de mètres de là. La voiture est alors immédiatement endommagée par une foule d'hommes enragés.

Des femmes sympathisantes, mais non militantes du mouvement, qui portent des pancartes ou qui sont décidées de manifester avec les militantes, sont battues — c'est le cas d'une vieille dame de 60 ans qui portait un balai. Les forces de l'ordre appelées en hâte refusent de venir parce qu'il « y a trop de monde ». Les forces du COP-CCN (Commandement opérationnel du continent) arrivent à la fin de la manifestation qui n'a pas duré longtemps — des hommes sont pourtant restés pendant un long moment en hurlant devant la porte de l'immeuble où les femmes se sont réfugiées, après avoir déshabillé complètement une jeune fille de 17 ans qui passait par hasard et qui fut sauvée de justesse par un journaliste indigné.

On peut imaginer le choc et le malaise qui persistent après tous ces événements dégradants, miroir d'une société ébranlée pendant des dizaines d'années par une politique, tournée sur l'ignorance et la répression, sur la suprématie de l'homme, viril, héros, « souteneur sans peur et sans reproche » de la religion, de la patrie et de la famille, avec une mère irréprochable, une femme sans tache, une sœur et défendrice des calomnies, et la putain avec qui l'on couche et dont on dit tout et qui l'on fait tout le mal possible.

(Movimento de Libertação das Mulheres)

ACONTECIMENTOS DEGRADANTES...

O Movimento de Libertação das Mulheres portuguesas decidiu inaugurar o Ano Internacional da Mulher, declarado pelas Nações Unidas, queimando os símbolos da opressão feminina, tais como o Código civil e penal, exemplares pornográficos que utilizam o corpo da mulher como objecto, esfregões e vassouras, etc., todos os tipos de literatura «machista», fraldas (simbolizando o mito da maternidade — enquanto a lei dá apenas ao pai todos os direitos sobre os filhos...).

Os filhos de algumas feministas tinham voluntariamente decidido participar na manifestação, queimando brinquedos que determinam, desde a infância, o papel reservado a cada sexo na sociedade: metralhadoras e tanques para o rapazes, bonecas para as raparigas.

Seis horas da tarde: quinze feministas chegam ao Parque Eduardo VII, vestidas de «vamp», com vestido de noiva, disfarçadas de mulheres grávidas, de donas de casa, etc. A imprensa anunciou alguns dias antes esta manifestação como um «strip-tease». Para sua grande surpresa, milhares de pessoas (duas mil a cinco mil pessoas) — sobretudo homens — aguardam-nas. Durante três minutos, não se passa nada. Abre-se um círculo para as deixar passar. No momento em que acendem uma fogueira, o círculo fecha-se à sua volta, e começa a grande confusão: torna-se impossível queimar seja o que for. Chovem dezenas de insultos: «Vamos montá-las», «As mulheres só são boas para a cama», «As mulheres para casa», etc. (e mais todos os tipos de insultos intraduzíveis) acompanhados de gestos obscenos. Uma militante negra é coberta de injúrias: «Vamos fodê-la. As pretas são as melhores na cama.» Um pequeno grupo de mulheres que ostenta uma faixa com as palavras: «Isto é ridículo», e que, no início, gritavam: «Elas é que deveriam ser queimadas», ao verem a brutalidade de que as feministas são alvo mudam rapidamente de opinião e começam a gritar: «Vocês, os homens, é que são ridículos.» Um grupo de homens com as bandeiras e os emblemas

do PCP (Partido Comunista Português) cantam o hino do Partido. As crianças presentes quase sufocam. As feministas tentam pô-las a salvo recuando para um carro estacionado ali perto, pertencente a uma delas. Mas os homens perseguem-nas, tentando virar o carro.

É então que uma das raparigas começa a gritar: «*Querem matar-nos com os nossos filhos?*» E é só então que eles param. Acabamos por nos refugiar num prédio, a uma centena de metros dali. E o carro é então imediatamente danificado por uma multidão de homens enraivecidos.

Mulheres simpatizantes, mas não militantes do movimento, que trazem cartazes ou que decidiram manifestar com as militantes, são agredidas — é o caso de uma senhora idosa de 60 anos que trazia uma vassoura. As forças da ordem chamadas à pressa recusam vir porque «*há muita gente*». As forças do COPCON (Comando Operacional do Continente) chegam ao fim da manifestação que não durou muito tempo — houve no entanto homens que ficaram durante longos momentos gritando diante da porta do prédio onde as mulheres se refugiaram, após terem despido completamente uma jovem de 17 anos que passava por acaso e que foi salva no último momento por um jornalista indignado.

Pode-se imaginar o choque e o mau-estar que persistem após todos estes acontecimentos degradantes, espelho de uma sociedade reprimida durante dezenas de anos por uma política baseada na ignorância e na repressão, na supremacia do homem, viril, herói, «*garante destemido e irrepreensível*» da religião, da pátria e da família, com uma mãe virtuosa, uma mulher sem mácula, uma irmã a defender das calúnias, e a puta com que se vai para a cama e de quem se diz (e a quem se faz) todo o mal possível.

Movimento de Libertação das Mulheres
(Jornal parisiense *Libération*, 4 de Fevereiro de 1975)

(2)

<https://docs.google.com/document/d/1c-vcpe3wYwFbaaR91wQAyWKmFspQrsKhK5NopPDcV5Y/edit>

MANIF MLM 1975

(1)

<https://docs.google.com/document/d/1UNaR2MpgphUekhlETWXjBaZrKo4QBiE-EkUpnHzjWCc/edit>

(2)

<https://docs.google.com/document/d/1c-vcpe3wYwFbaaR91wQAyWKmFspQrsKhK5NopPDcV5Y/edit>

(3)

https://docs.google.com/document/d/1Tdi4bxIsKVmRD8b5w7yLjJd442tatNo_ni_y1_3oFmw/edit

(4)

https://docs.google.com/document/d/1cCd0kmf8jjK_Wlot1_EfIW_3S42P9snudScBqUc9ipQ/edit

(5)

https://docs.google.com/document/d/1eG1xdeTq3Zfxu7tks5hueulWnRBQREhQo9PO9sTNCeQ/edit?oid=117164258270728587168&usp=docs_home&ths=true

Simone de Beauvoir O SEGUNDO SEXO

(Volume 1)

<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20Segundo%20Sexo%20-%20I.pdf>

(Volume 2)

<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20Segundo%20Sexo%20-%20II.pdf>

<https://sites.google.com/view/edicoesrocio/home>